

## APRESENTAÇÃO

*Marília Facó Soares (UFRJ)*

Especialmente dedicado a questões de teoria fonológica, variação e arquitetura de gramática, este número congrega artigos voltados para desenvolvimentos recentes em teoria fonológica, a relação entre esses desenvolvimentos e o tratamento de sequências sonoras em competição e, ainda, das informações relevantes em situações de interface.

Em “Peaks and plateaux: different F0 patterns representing the same category”, Letania Ferreira volta-se para eventos de altura alta em contornos entoacionais, buscando contribuir para o mapeamento fonologia-fonética, no âmbito da entoação no português do Brasil. Seu ponto de partida é a revisitação de determinados estudos sobre tons altos manifestados no início da sentença no português europeu (PE) e no português do Brasil (PB). Ao fazê-lo, mostra haver uma distribuição muito mais complexa dos eventos vinculados a Alto do que sugerem estudos anteriores: enquanto a literatura se refere aos eventos de altura alta no português como picos, o estudo de Ferreira mostra que, no PB, esses eventos podem ser realizados ou por um pico ou por um plateau. No caminho para a interpretação da realização de tais eventos, Ferreira leva em consideração um conjunto de sentenças declarativas, nas quais controla a palavra-alvo, seu posicionamento e sua caracterização como palavra fonológica, além de controlar o material que a circunda, sobretudo do ponto de vista acentual. Considera igualmente, com fins comparativos, os alvos da altura em um contorno. Os critérios empregados por Ferreira para identificar e categorizar, no seu corpus, as ascensões em início de sintagma levam à indicação de um comportamento diferente do pico frasal face à extensão das palavras, havendo ainda uma melhor correlação entre pico frasal e sílaba acentuada em palavras curtas do que em palavras longas nos dados do PB. A isso soma-se o fato de que, em palavras curtas, o tom frasal se apresenta comumente como pico, enquanto em palavras longas se assemelha a um plateau. Para esse último, a análise realizada sustenta a ideia de existência de uma dupla associação do mesmo tom frasal (Alto) ao início e ao fim de um plateau, em um processo de espalhamento que explica dois formatos diferentes para um mesmo evento de altura. Familiar aos que trabalham com Fonologia Autossegmental, a ideia sustentada no artigo em questão revela-se importante para a fonética, para o mapeamento fonologia-fonética e para a questão das categorias envolvidas nesse mapeamento.

Em “Aquisição de encontros consonantais tautossilábicos: uma abordagem multirrepresentacional”, de Izabel Cristina Campolina Miranda e Thaís Cristófaros Silva, as relações entre fonologia e fonética são também importantes, vendo-se, porém, acrescidas não só de uma concepção de categorização que descarta categorias discretas, mas também de uma preocupação com a natureza da própria representação fonológica. As autoras focalizam a incorporação do detalhe fonético às representações do componente sonoro da linguagem, a natureza do contraste fonológico encoberto e a pertinência de técnicas experimentais da Fonologia de Laboratório para os estudos fonológicos. Tendo no seu horizonte teórico modelos não determinísticos com fundamentos da Linguística Cognitiva e realizando uma opção pela Fonologia de Uso e pela Teoria de Exemplares, investigam a hipótese do uso de propriedades fonéticas finas (no caso, o alongamento compensatório) para caracterizar, em palavras produzidas por crianças de Belo Horizonte, o contraste entre sílabas CCV e CV.

A metodologia utilizada e os resultados daí advindos validam a ideia de que informações articulatórias expressas por meio de detalhe fonético fino (e ditas redundantes) são relevantes na organização do conhecimento da sonoridade durante o processo de aquisição. Seus resultados, que são compatíveis com modelos multirrepresentacionais, sugerem que as representações linguísticas contêm detalhes fonéticos finos. Ao mesmo tempo, evidenciam que fonética e fonologia são domínios complementares na organização do conhecimento linguístico.

“Alternância vocálica na flexão do português: análise pela Morfologia Autossegmental”, artigo de Carlos Alexandre Gonçalves e Vítor de Moura Vivas, revela a interação entre fonologia e morfologia, ao tratar de um determinado aspecto da gramática do português: a informação morfológica veiculada por mudança na vogal tônica do radical de determinados verbos. O tratamento do fenômeno estudado se dá pela via não-linear, mais especificamente por meio da Morfologia Autossegmental, modelo que permite a descrição de operações morfológicas não-concatenativas; e por meio de um determinado modelo de Geometria de Traços que, ao lidar com a organização interna de segmentos, concebe a altura vocálica por meio de um nódulo abertura ao qual se liga o traço [aberto] concebido de modo escalar, isto é, organizado em várias camadas em uma escala. Utilizando tais instrumentais de análise, os autores buscam mostrar que, além de produtiva e sistemática, *“a mudança na qualidade vocálica como expoente de conteúdo gramatical é possível de formalização porque, na morfologia do verbo, a abertura vocálica pertence a uma camada autônoma”*, diferente daquela do radical, responsável apenas pela expressão de conteúdos lexicais. Esse objetivo é alcançado através da formalização de diferentes processos de fusão, evidenciados por realizações padrão e não-padrão de formas verbais da língua.

A interação entre fonologia e morfologia também está na base de “O ditongo em português: história, variação e gramática”, de Jaqueline dos Santos Peixoto. Voltado para a reinterpretação da ditongação no português do Brasil, o artigo em questão aborda esse tema considerando-o sob mais de um ângulo. De um lado, oferece uma revisão crítica de trabalhos sobre um tema recorrente, cobrindo um espaço de tempo considerável (no qual se encontram incluídas as primeiras e diferentes análises de Mattoso Câmara) e colocando em cena interpretações e versões teóricas mais recentes. De outro lado, busca apresentar uma análise própria, apresentando soluções formais que recobrem um número significativo de casos. O quadro teórico em que se move o artigo combina a Fonologia Autossegmental e a Fonologia Lexical, essa última – propositalmente - em versão que antecede no tempo sua conciliação com a Teoria da Otimalidade. A combinação de ambos os modelos serve à demonstração da interação entre morfologia e prosódia no que tange a aspectos do fenômeno focalizado (estruturação silábica e acento). Alguns pontos são dignos de nota. O primeiro deles é que a opção pelo serialismo permitiu à autora explicar o comportamento gramatical dos ditongos em português e elaborar a sua reinterpretação: os ditongos fonológicos são reinterpretados como lexicais cíclicos, e os ditongos fonéticos, como lexicais pós-cíclicos. O segundo é que a autora fornece argumentos, de ordem diacrônica e sincrônica, para sustentar a importância de um modelo de gramática em que a fonologia entre em interação com a morfologia e a sintaxe, isto é, em que a fonologia não seja apenas um componente receptor de sequências de fonemas após a aplicação de regras morfológicas e sintáticas.

A perspectiva diacrônica assume o primeiro plano em “The interface of stress and nasality in tupi-guaraní languages in a historical perspective”, de Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. A relação entre acento e nasalidade foi focalizada nos primeiros trabalhos gerativos que, levando em consideração o Guarani, voltaram-se para a geometria das representações fonológicas. Essa interação é retomada no artigo em tela com o fim de sustentar a hipótese de que, em línguas da família Tupi-Guarani, a distribuição atual de segmentos consonantais plenamente nasais, nasais pós-oralizados e orais sonoros se deve a ajustes no escopo da interface entre acento e nasalidade.

Para tanto, os autores estudam a distribuição das consoantes orais sonoras versus nasais entre as várias línguas da família; e revisitam os primeiros trabalhos que abordaram, nesse conjunto de línguas, a realização da nasalidade e da oralidade. Assumindo a Fonologia Autossegmental e levando os pressupostos desse modelo para o âmbito diacrônico, os autores mostram como um contraste entre traços relativos à nasalidade e à oralidade, em associação com o acento, desempenhou um papel importante no desenvolvimento de mudanças históricas que operaram no âmbito da família Tupi-Guarani – o que contribuiu para sua diferenciação fonológica e afetou domínios fonológicos.

Em “A interação entre acento e processos de (re)estruturação silábica: um desafio para a teoria da otimalidade”, Gisela Collishonn aborda determinadas interações de processos segmentais com o acento, fornecendo evidências a favor da precedência constante deste sobre aqueles. Por meio das interações abordadas, a autora coloca em cena o problema do tratamento formal da opacidade fonológica e de uma questão relacionada: a da reestruturação das formas subjacentes, presente na aquisição da linguagem e na mudança linguística. E como ponto conexo a esses últimos está o modo como teorias poderiam evitar produzir o que são lacunas tipológicas. O olhar dirigido para os processos e, sobretudo, as questões e os problemas levantados no artigo servem à autora para apresentar e discutir o Serialismo Harmônico e, em última análise, as possibilidades da própria Teoria da Otimalidade. O Serialismo Harmônico constitui proposta recente no âmbito teórico em que se move o artigo. Sendo uma forma de derivacionalismo que admite avaliação em etapas, porém com exigência de gradualidade, de aprimoramento de uma etapa a outra da derivação e de seleção do candidato mais harmônico em cada etapa, o Serialismo Harmônico se faz presente no artigo pela via de uma reapresentação da síncope em latim e pelas possibilidades que abre ao tratamento de aspectos do fenômeno do sândi em português.

A própria sustentação da Teoria da Otimalidade também é o que está em jogo no último artigo deste número: “Naturalidade e arquitetura da gramática”, de Fernando Orphão de Carvalho e Gean Nunes Damulakis. Voltado para o papel da noção de naturalidade nos debates contemporâneos sobre a arquitetura da gramática em modelos formais, o artigo focaliza as noções correlatas de marcação e de naturalidade, a partir de determinadas perspectivas articuláveis entre si. Ao assumir uma perspectiva histórica, aborda seletiva e criticamente fenômenos e motivações teóricas que levaram à introdução dessas noções, sua diferenciação inicial e sua sobreposição ao longo do tempo. Sob uma perspectiva comparativa, em que confronta modelos otimalistas e modelos baseados em regras, o artigo procura discutir o formato do componente fonológico. O ponto de vista comparativo permite aos autores refletir sobre a arquitetura do componente fonológico, verificando a expressão da naturalidade no interior dos modelos comparados e, ainda, a relevância da discussão sobre o formalismo mais adequado para expressá-la. Já a perspectiva histórica, por meio da qual se introduz no artigo a dimensão diacrônica, permite colocar no centro da cena a questão das motivações sincrônicas e diacrônicas, de importância não só para o tema da naturalidade, mas também para o tema dos padrões fonológicos sincronicamente não-naturais e diacronicamente naturais. Por meio de perspectivas articuladas e temas correlatos, conjugados a fenômenos particulares a certas línguas, os autores discutem, então, a (in)capacidade do aparato teórico clássico da Teoria da Otimalidade em lidar com determinados padrões fonológicos.

A partir dos artigos aqui apresentados, o presente número busca se constituir em canal para a reflexão sobre a articulação entre a elaboração de modelos fonológicos, o uso linguístico e a idéia de uma arquitetura de gramática.

## INTRODUCTION

*Marília Facó Soares (UFRJ)*

This issue, which is especially devoted to phonological theory, variation, and architecture of grammar, gathers articles on recent developments in phonological theory, the relationship between these developments and the treatment of sound sequences in competition and, still, relevant information for situations of interface.

In “Peaks and Plateau: different F0 patterns representing the same category”, Letania Ferreira focuses on high pitch events in intonation contours, seeking to add to the phonetics-phonology mapping, regarding the intonation of Brazilian Portuguese. Her starting point was the review of certain studies on rising tones at the start of sentences in European Portuguese (PE) and Brazilian Portuguese (PB). In so doing, she shows there is a more complex distribution of events linked to Hi than previous studies suggest: while literature refers to the high pitch events in Portuguese as peaks, Ferreira’s study shows that, in PB, these events may be achieved by either a peak or a plateau. When interpreting such events, Ferreira considers a group of declarative sentences, in which she controls the target word, its position and character as a phonological word, besides controlling the surrounding material, mainly from the perspective of stress. She considers equally, for comparative purposes, the pitch target in a contour. The criteria which Ferreira used to identify and categorize, in the corpus, the rising tone at the beginning of a phrase indicated a different behavior of the phrasal peak according to word length, and a better correlation between phrasal peak and stressed syllable in short words than in long words in PB. It can be added that, in short words, phrasal tone presents itself as peak, while in long words it resembles a plateau. For the latter, the study supports the idea of a double association of the same phrasal tone (Hi) at the start and end of a plateau, in a spreading process which accounts for two different formats for the same pitch. The idea supported by the article, which is familiar to those who work with Autosegmental Phonology, reveals itself important for phonetics, for the phonetics-phonology mapping, and for the issues related to the categories involved in this mapping.

In “Acquisition of tautosyllabic consonant clusters: a multi-representational approach”, by Izabel Cristina Campolina Miranda and Thaís Cristófaró Silva, the relationship between phonology and phonetics is also important, adding to it, however, not only a concept of categorization which discards discreet categories, but also a concern about the nature of the phonological representation itself. The authors focus on the incorporation of the phonetic detail to the representations of the sound component of language, the nature of the hidden phonological contrast, and the relevance of experimental techniques of Laboratory Phonology for phonological studies. Following their theoretical horizon of nondeterministic models on the grounds of Cognitive Linguistics, and making a choice for Usage-Based Phonology and for the Exemplar Theory, they investigate the possibility of using fine phonetic properties (in this case, the compensatory lengthening strategy) to characterize, in words produced by children in Belo Horizonte, the contrast between syllables CCV and CV. The chosen methodology and the results reached validate the idea that articulatory information expressed by fine phonetic detail (and said to be redundant) is relevant in the organization of the knowledge of sound during acquisition. The results, which are compatible with multi-representational models, suggest that linguistic representations contain fine phonetic details. At the same time, they show that phonetics and phonology are complementary domains in the organization of linguistic knowledge.

“Vowel alternation in flexion in Portuguese: an Autosegmental-based analysis”, article by Carlos Alexandre Gonçalves and Vítor de Moura Vivas, shows the interaction between phonology and morphology in a particular aspect of Portuguese grammar: morphological information delivered through change in the stressed vowel in the root of certain verbs. The treatment of the phenomenon occurs in a non-linear manner, more specifically through Autosegmental Morphology, a model which allows for the description of non-concatenative morphological operations; and through a specific model of Feature Geometry that, when dealing with the internal organization of segments, conceives the vowel height through a node to which the (open) trace is connected in a scale, that is, organized in several layers on a scale. By using these tools the authors seek to show that, besides productive and systemic, ‘*the change in vowel quality as an exponent of grammar content is possible because, in verb morphology, vowel opening belongs to an autonomous layer*’, different from that of the radical which is responsible only for expressing lexical contents. This aim is reached through the formalization of different fusion processes, evidenced by standard and non-standard achievements of verbal forms of the language.

The interaction between phonology and morphology is also at the core of “The diphthong in Portuguese: history, variation and grammar”, by Jaqueline dos Santos Peixoto. Focused on reinterpreting the diphthong in Brazilian Portuguese, the article addresses the issue under more than one angle. On one hand, it offers a critical review of papers on a recurring theme, covering a considerable span of time, (including the early and the different analysis by Mattoso Camara), and displays current interpretations and theoretical versions. On the other hand, it aims to present its own analysis, with formal solutions that cover a significant number of cases. The theoretical framework of the article combines Autosegmental Phonology and Lexical Phonology, the latter – on purpose - in a version which is prior to its reconciliation with the Optimality Theory. The combination of both models serves to show the interaction between morphology and prosody with respect to aspects of the phenomenon (syllabic structure and stress). Some points are worthy of note. The first of these is that the choice for serialism allowed the author to explain the grammatical behavior of diphthongs in Portuguese and prepare her reinterpretation: phonological diphthongs are reinterpreted as cyclic, and the phonetic diphthongs as post-cyclic. The latter is the one for which the author provides arguments, of diachronic and synchronic nature, to support the importance of a grammar model in which phonology comes into interaction with morphology and syntax, that is, in which phonology is not merely a receiving component of phoneme sequences following the application of morphological and syntactic rules.

The diachronic perception is in first plan in “The interface of stress and nasality in Tupi-Guaraní languages in a historical perspective”, by Aryon Dall’Igna Rodrigues and Ana Suely Arruda Câmara Cabral. The relationship between stress and nasality was focused in the early generative papers which, with regard to the Guarani language, turned to the geometry of phonological representations. This interaction is resumed in the article with the purpose of supporting the hypothesis that, in languages of the Tupi-Guarani family, the present distribution of fully nasal, post-oral nasal, and oral consonant segments is due to adjustments in the scope of the interface between stress and nasality. For such, the authors examine the distribution of oral consonants versus nasal consonants among the many languages of the family; they revisit the early work that covered, in this group of languages, the achievement of nasality and orality. By adopting Autosegmental Phonology, and taking its assumptions to the diachronic scope, the authors show how a contrast between traits related to nasality and orality, in association with stress, played an important role in the development of historical changes within the Tupi-Guarani family scope – which contributed to its phonological differentiation, and affected phonological domains.

In “The interaction between stress and processes of syllabic restructuring: a challenge for the Optimality Theory”, Gisela Collishonn addresses certain interactions of segmental processes with stress, providing evidence which favor constant precedence of the latter over the former. Through the addressed interactions, the author brings up the formal treatment of phonological opacity, and a related issue: that of the restructuring of subjacent forms, present in language acquisition and linguistic change. And, related to these latter issues, is the manner by which theories could avoid producing typological gaps. Focusing on the processes and, especially, the issues and problems raised, aids the author in presenting and discussing Harmonic Serialism and, ultimately, the possibilities of the Optimality Theory itself. Harmonic Serialism is a recent proposal within the theoretical scope of the article. Since it is a derivative form which allows for step by step evaluation, nonetheless requiring gradualness, improvement from one step to the other of the derivation, and the selection of the most harmonic candidate in every step, Harmonic Serialism is present in the article by means of a reintroduction of the syncope in Latin, and the possibilities it opens to the treatment of aspects of the sandhi phenomenon in Portuguese.

The support for the Optimality Theory itself is at stake in the last article of this issue: “Naturalness and the architecture of grammar”, by Fernando Orphão de Carvalho and Gean Nunes Damulakis. Aimed at the role of the notion of naturalness in current discussions on the architecture of grammar in formal models, the article focuses on the related notions of marking and of naturalness from certain perspectives that are linked to each other. By taking a historical perspective, it selectively and critically discusses phenomena and theoretical motivations which led to the introduction of these notions, their initial differentiation, and their overlapping over time. Under a comparative perspective, where optimal models confront models based on rules, the article discusses the format of the phonological component. A comparative point of view allows the authors to reflect on the architecture of the phonological component, verifying the expression of naturalness within the compared models, and reflect on the relevance of discussing the most appropriate formalism to express it. A historic perspective however, by which the diachronic dimension is introduced in the article, allows them to highlight the issue of synchronic and diachronic motivations, significant not only for the theme of naturalness, but also for the issue of synchronically non-natural and diachronically natural phonological patterns. Through articulated perspectives and related topics, in conjunction with phenomena specific to certain languages, the authors go on to discuss the (in)capacity of the classic theoretical apparatus of the Optimality Theory in dealing with certain phonological patterns.

With the articles presented here, the current issue seeks to be a channel for reflections on the relationship between the development of phonological models, language use, and the idea of an architecture of grammar.